

O LEGADO DRAMATÚRGICO DE LUIZ FRANCISCO REBELLO

LIBERDADE, LIBERDADE (1974)

CHRISTINE ZURBACH

CENTRO DE HISTÓRIA DA ARTE E INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA (CHAIA),
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

LIBERDADE, LIBERDADE

LUIZ FRANCISCO REBELLO, LUÍS DE LIMA E HÉLDER COSTA

Colecção Repertório para um teatro actual, n.º 12,
Lisboa, Prelo Editora, s/d, 148 pp.

*O teatro é a arma que escolhemos para a nossa participação no
fogo que incendeia o país.*

Luiz Francisco Rebello, Luís de Lima e Hélder Costa

A vida multifacetada de Luiz Francisco Rebello [LFR] foi orientada por convicções e valores que fizeram dele um cidadão comprometido com as causas do tempo em que viveu, quer antes quer depois de 1974, data do fim do regime autoritário de Salazar e do regresso da democracia a Portugal.

Foi advogado, empenhando-se nomeadamente na defesa dos direitos de autor, e consagrou a sua vida ao teatro, exercendo funções distintas, mas convergentes. Conhecido pela abordagem informada de uma arte que investigou enquanto historiador reconhecido nacional e internacionalmente, brilhou também na escrita dramática, no papel de um dramaturgo movido pela vontade de criar e renovar o repertório do teatro português. Participou com artistas e intelectuais portugueses e estrangeiros na dinamização da vida teatral, envolvendo-se, em 1946, na fundação e direcção do Teatro Estúdio do Salitre, com Gino Saviotti, e na aproximação das novas dramaturgias estrangeiras que traduzia ou adaptava.^[1] Garantiu a sua publicação ao assumir a direcção da importante colecção especializada “Repertório para um teatro actual”, da Editora Prelo, que, nas décadas de 1960 e 1970, disponibilizou ao público leitor de teatro um total de 16 volumes.

Entre os títulos publicados, o próprio Luiz Francisco Rebello assina, no 12.º volume, uma obra singular, *Liberdade, liberdade*, escrita como um guião,^[2] em parceria com Luís de Lima e Hélder Costa, e levada à cena pelo Grupo Troqueirã no dia 28 de Agosto de 1974, no Teatro Villaret, em Lisboa. Num misto de comicidade e dramaticidade, o espectáculo é uma celebração da liberdade, traduzida em acontecimentos ou temas políticos actuais ou históricos, num formato dramático que remete para o teatro documentário praticado nos anos 1920-30 pelo encenador alemão Erwin Piscator. O interesse de LFR por este tipo de dramaturgia ficará exposto na colectânea de textos ensaísticos reunidos sob o título *Combate por um teatro de combate*, publicada em 1977 pela editora Seara Nova. Num período marcado pela mudança politico-cultural resultante da revolução de Abril de 1974,

[1] Ver Zurbach (2013: 64–68).

[2] Ver Rebello / Lima / Costa (s/d).

com as respectivas repercussões na vida teatral, a obra propõe um panorama histórico do “teatro-documento” (Rebello, 1977: 111-132) em que o autor retoma os dados de uma palestra apresentada em 1972, no âmbito do ciclo sobre “O teatro-documento alemão”, organizado pelo Instituto Alemão de Lisboa. Encontraremos idêntico envolvimento político do dramaturgo LFR na publicação, em 1978, da coletânea *Teatro de intervenção. 5 peças e 1 prólogo*, como consta na “Nota prévia”, com data de 1977, que partilham, apesar de a sua redacção se situar antes e depois do 25 de Abril de 1974, de “um propósito de intervenção e protesto” (Rebello, 1978: 11).

Liberdade, liberdade é uma versão livre do roteiro para o espectáculo homónimo estreado no Brasil em 1965, no Teatro Opinião do Rio de Janeiro. Classificado como espectáculo musical, foi escrito pelo encenador Flávio Rangel e por Millôr Fernandes, ilustrador, tradutor e dramaturgo, no formato “teatralmente atraente”^[3] de uma montagem de textos históricos e canções para falar de liberdade. Recorrendo a um discurso de resistência cultural e política à ditadura militar nascida do golpe de 1964, “*Liberdade, liberdade* pretende reclamar, denunciar, protestar – mas sobretudo alertar”.^[4]

A publicação da adaptação portuguesa é acompanhada por um prefácio programático de LFR intitulado “Brasil 65 / Portugal 74”, no qual o dramaturgo esclarece a razão que o levou a optar por reescrever e adaptar a obra original brasileira: com a chegada da liberdade a Portugal, o protesto “contra o seu estrangulamento” estava ultrapassado, mas ainda era necessário “denunciar as suas contrafacções e sobretudo alertar para os perigos que a ameaçam e podem conduzir

[3] “A Liberdade de Millôr Fernandes”, in Rebello / Lima / Costa (s/d: p. 6).

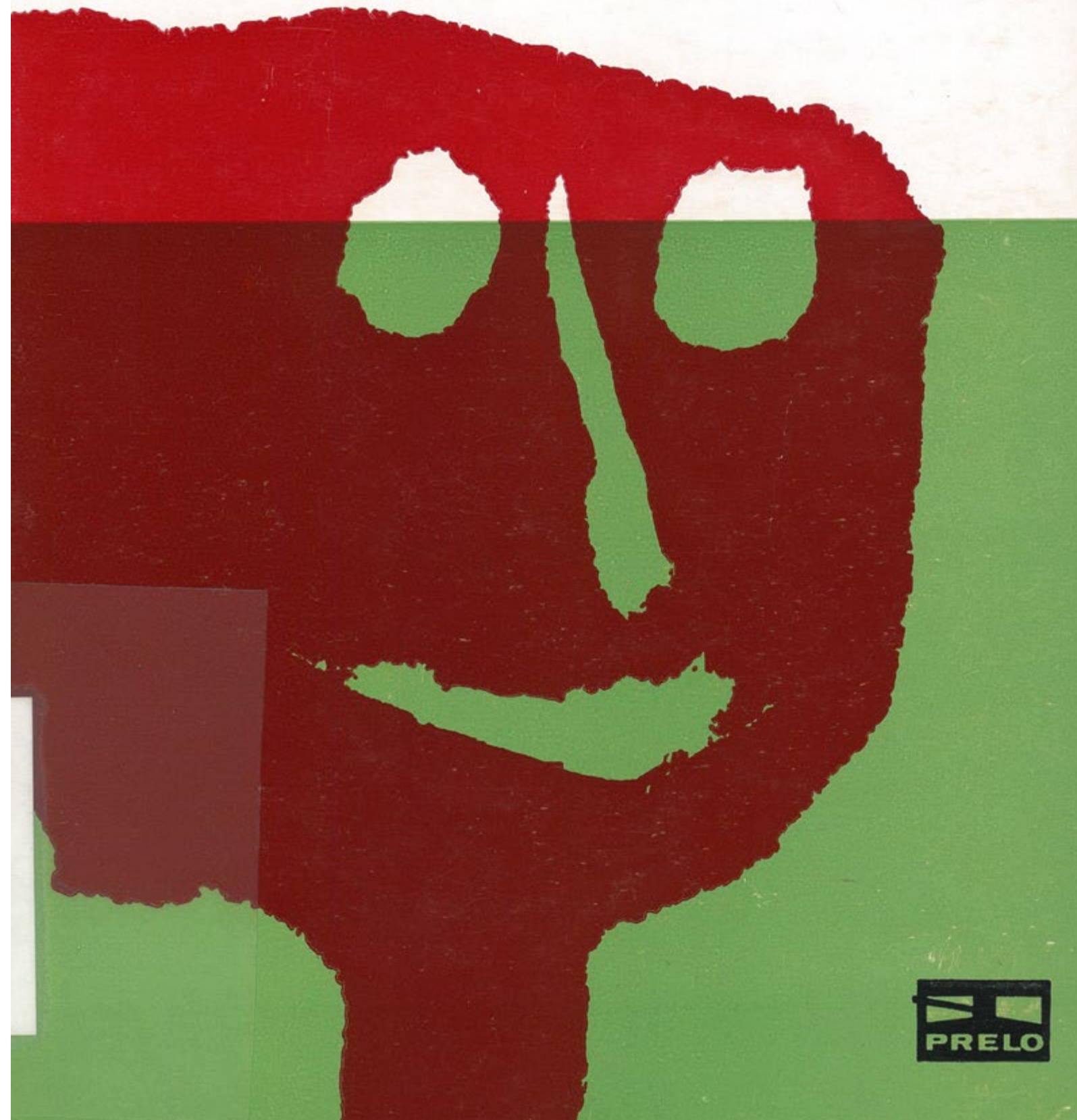
[4] “A Liberdade de Flávio Rangel”, in Rebello / Lima / Costa (s/d: p. 7).

repertório para um teatro actual

liberdade, liberdade

luiz francisco rebello, luís de lima e helder costa

12



TEATRO VILLARET



à sua destruição”.^[5] Surpreendentemente, a versão da peça para o público português foi apresentada no Teatro Villaret, o que levou o crítico Carlos Porto (1985: 33), numa obra de balanço teatral do período entre 1974 e 1984, à seguinte reflexão: “Mesmo no teatro comercial houve um esforço, oportunista e logo eliminado, para acertar o passo pelos novos tempos.”

Nomes relevantes do meio artístico português colaboraram na criação do espectáculo: na encenação, o luso-brasileiro Luís de Lima; na produção, o actor Raul Solnado; no dispositivo cénico, o pintor e cenógrafo Mário Alberto; na interpretação, os actores João Perry e Maria do Céu Guerra. A colaboração musical de José Mário Branco e Fausto Bordalo Dias, de Júlio Pereira e do cantor Carlos Cavaleiro, contribuiu para articular a estrutura híbrida do guião organizado por Luiz Francisco Rebello, Luís de Lima e Hélder Costa (cf. *supra*). Dirigido às camadas do público mais populares, segundo os actores entrevistados pelo apresentador Igrejas Caeiro no programa televisivo *TV Palco*,^[6] a peça visava também um público culto que seria capaz de decifrar o conteúdo histórico da fábula. Inspirados no teatro político de Piscator (cf. *supra*), os autores utilizaram fontes históricas e documentos autênticos para “os vários discursos, citações e episódios autênticos reproduzidos ou evocados no texto do espectáculo”,^[7] incluindo textos marcantes como o Discurso de Lincoln, “The Getysburg Address”, de 1865, que afirma a igualdade entre os homens.

[5] Ver Rebello / Lima / Costa (s/d).

[6] Ver <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tv-palco-66/>.

[7] Ver Rebello / Lima / Costa (s/d, p. 12).

← PROGRAMA DO ESPETÁCULO *LIBERDADE, LIBERDADE*, PROD. RAUL SOLNADO/TEATRO VILLARET. REPRODUÇÃO GENTILMENTE CEDIDA POR ANTÓNIO RAMALHO, DA BIBLIOTECA GERAL DA FACULDADE DE LETRAS DA UL.

No que diz respeito a Portugal, são referidos momentos marcantes da vida política do passado recente, com textos diversos, alguns pronunciados em tribunal, como excertos das alegações dos advogados de defesa no processo movido, em 1971, pela PIDE contra o padre angolano Joaquim Pinto de Andrade, ou ainda, em 1959, a propósito do conteúdo considerado subversivo da obra *Quando os lobos uivam*, do escritor Aquilino Ribeiro. Outros textos de âmbito institucional são citados, nomeadamente o debate havido, em Janeiro de 1973, na Assembleia Nacional, sobre o caso da vigília da Capela do Rato (Lisboa), um protesto que envolveu um grupo de cristãos defensores da paz nas colónias que acabaram expulsos pela polícia. Usado como documento autêntico extraído do Diário das Sessões, o debate é apresentado como “pequeno episódio cómico”, dado o teor absurdo das intervenções registadas, proferidas pelos deputados do regime contra o deputado Miller Guerra, da chamada Ala Liberal. A Guerra Colonial também é evocada através de vários poemas postos em música: “Pedro Soldado”, do poeta Manuel Alegre; o poema de Agostinho Neto “Havemos de voltar”, acompanhado com sons de batuque; a canção “Monangambé”, musicada sobre um poema de António Jacinto, entre outros.

No plano musical, além de canções e temas populares interpretados por José Afonso, como *Coro da Primavera*, e uma composição de Fernando Lopes-Graça sobre o poema *Livre*, de Carlos de Oliveira, o espectáculo recorre a hinos revolucionários como *A marselhesa*, de Rouget de L’Isle; *Ça ira, ça ira*, música contra os aristocratas mandados para a forca; ou *L’insurgé*, de Eugène Pottier; e ainda a obras do cantor e activista negro Paul Robeson, perseguido pelo macartismo; do cantor Pete Seeger, em apoio à campanha pelos direitos civis contra a segregação racial; e do cantor chileno Victor Jara, vítima do golpe brutal liderado pelo general Pinochet que derrubou Salvador Allende.

O guião integra numerosos excertos de obras teatrais, traduzidas ou adaptadas, que desenvolvem a temática comum das relações desiguais entre classes sociais: de Shakespeare, com o coro dos escravos de *Júlio Cesar*; do Teatro Campesino, com uma cena de *As duas caras do patrão*; de Beaumarchais, com a cena inicial de *As bodas de Fígaro*; do Théâtre du Soleil, de Ariane Mnouchkine, com a narração da tomada da Bastilha retirada da montagem comemorativa 1789; de Büchner, com *A morte de Danton*; e, mais próximo de nós, de Brecht com *O denunciante*, que evoca o terror sob o nazismo hitleriano.

Num misto de comicidade satírica, mesclada de alguma dramaticidade, o desenrolar do espectáculo segue uma linha cronológica no desfilar dos temas tratados, recortados em quadros alusivos a eventos que pautaram a história mundial e portuguesa. Dividido em duas partes, abre com a marcha de exaltação colonialista “Angola é nossa”, seguida da canção emblemática do Movimento das Forças Armadas, “Grândola, vila morena”, de José Afonso, difundida pela Rádio Renascença na madrugada do 25 de Abril. Apresenta, seguidamente, uma sequência de referências a figuras históricas emblemáticas nas lutas pela liberdade travadas desde a Antiguidade (como Spartacus), os protagonistas da Revolução Francesa (como Mirabeau, Marat, Danton e Robespierre), o Tiradentes (herói popular do Brasil no período da escravatura), os insurrectos da Comuna de Paris, os combatentes da Guerra Civil espanhola (com referências aos poetas García Lorca e Rafael Alberti, vítimas do franquismo, e à queda de Madrid, com um poema de Manuel Bandeira), à Revolução Russa de 1917 liderada pelos bolchevistas, à guerra de 1939-45 com a Resistência e o poema *Liberdade* (de Paul Éluard), e ao desaire alemão de Estalinegrado, evocado na *Carta a Stalingrado* do poeta Carlos Drummond de Andrade... até à tão esperada Revolução dos Cravos em 1974.

O espectáculo é interrompido com uma advertência baseada num jogo de palavras em torno da expressão *tomar posição*. Antes de avançar para a continuação do espectáculo, é pedido num tom humorístico a “cada um [que] tome uma posição definida (...), seja para a esquerda, seja para a direita”, e que “cada um, uma vez tomada a sua posição, *fique nela*. Porque senão, meus amigos, as cadeiras do teatro rangem muito e se ninguém ficar na mesma posição, ninguém ouve nada!”. A seguir, os actores fazem a lista das liberdades: de ir e vir, económica, o direito à habitação – com um apontamento cantado, a canção “Casa portuguesa”, de José Mário Branco, que desvia por ironia a versão tradicional sobre o mesmo tema, idealizado com as cores do salazarismo –, a liberdade de profissão, com um momento de pantomima sobre a prostituição, e dois poemas do brasileiro Ascenso Ferreira, o direito ao ócio e o direito ao trabalho: “Todos têm de trabalhar”, com declamação do poema “O operário em construção”, de Vinícius de Moraes, e de uma quadra do folclore alentejano alusiva à pobreza. Essa última referência permite a passagem para a interpretação de uma cena extraída da peça de agit-prop *As duas caras do patrão*, do Teatro Campesino, em que o patrão, dono das terras, propõe ao operário agrícola, com um jogo de máscaras, uma troca de papéis que acaba por se virar contra ele.

Chegados ao fim deste espectáculo de “homenagem aos milhares de homens e mulheres portugueses que lutaram durante dezenas de anos contra o odioso e criminoso regime fascista de Salazar e Caetano”, os autores retomam o discurso de advertência já enunciado, específico da adaptação a um público português, lembrando que: “Hoje temos no nosso país um raio de luz que anuncia a liberdade (...). Mas a batalha ainda não está ganha (...). A luta continua e nós não estamos dispostos a perder.”



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PORTO, Carlos / Salvato Teles de Menezes (1985), *10 anos de teatro e cinema em Portugal (1974–1984)*, Lisboa, Editorial Caminho.
- REBELLO, Luiz Francisco (1978), *Combate por um teatro de combate*, Lisboa, Seara Nova.
- REBELLO, Luiz Francisco (1978), *Teatro de intervenção. 5 peças e 1 prólogo*, Lisboa, Editorial Caminho.
- REBELLO, Luiz Francisco / Luís de Lima / Hélder Costa (s/d), *Liberdade, liberdade*, Coleção Repertório para um teatro actual, n.º 12, Lisboa, Prelo Editora.
- ZURBACH, Christine (2013), “A tradução de teatro segundo Luiz Francisco Rebello”, *Sinais de Cena*, n.º 19, Junho, pp. 64–68.

WEBGRAFIA

- <https://memorialdademocracia.com.br/resistencia-cultural/musica>.
- <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tv-palco-66/>.

Sites consultados a 6 de Março de 2025.

SINAIS DE CENA
SÉRIE III NÚMERO 4
JUNHO DE 2025